

Alunos voltam às aulas de forma desigual hoje em SP

Rede privada aceita aluno presencialmente sempre, e na pública haverá rodízio

A volta às aulas no estado de São Paulo acontece nesta segunda (2) de forma desigual.

Na capital, nos principais colégios particulares os alunos poderão frequentar todas as aulas de forma presencial, se assim quiserem.

Já no sistema público da cidade, haverá necessariamente um revezamento.

A **Folha** aferiu isso ouvindo as dez maiores escolas de cada rede no estado. Com isso, será reforçado um dos principais impactos da pandemia da Covid-19, a disparidade no setor educacional.

O Brasil foi um dos países do mundo que manteve por mais tempo fechadas escolas durante a crise sanitária.

Nos colégios dos mais abastados, o ensino remoto foi mais constante do que o ofertado a alunos de baixa renda da rede pública.

O governo paulista pretende tornar a frequência presencial obrigatória a partir de setembro, após analisar como o quadro de infecções se desenrola em agosto.

Em todos os locais, contudo, regras de distanciamento social e uso de máscara de proteção prevalecem.

Avaliação feita pelo governo estadual paulista aponta deficiências do estudo à distância, além do efeito social de redução de renda de mães que não tiveram onde deixar os filhos. **Cotidiano B1**

Volta às aulas reforça desigualdade entre escolas privadas e públicas

Maiores unidades particulares de SP receberão até 100% dos alunos, enquanto rede pública terá 50%

Angela Pinho e
Isabela Palhares

SÃO PAULO A volta às aulas nesta segunda-feira (2) acontecerá de forma desigual em São Paulo. Enquanto nas maiores escolas da rede particular todos os alunos que quiserem poderão frequentar as aulas presencialmente todos os dias, nas públicas haverá, em regra, revezamento.

A situação reforça as disparidades que marcam a educação na pandemia no Brasil, um dos países que teve escolas fechadas por mais tempo no mundo. Desde a chegada do coronavírus, alunos mais pobres têm tido menos acesso ao ensino remoto e menos oportunidades de voltar à sala de aula.

No momento, a frequência presencial às escolas é opativa tanto na rede pública como na particular. A Secretaria da Educação da gestão João Doria (PSDB) pretende torná-la obrigatória em setembro, a partir da avaliação feita em agosto.

Mesmo quando isso ocorrer, enquanto a pandemia durar ainda haverá necessidade de distanciamento. Atualmente, a orientação da pasta é que as escolas atendam o máximo possível de estudantes, desde que respeitada a distância de um metro entre eles.

Mas, em regra, as maiores escolas da rede pública têm adotado o rodízio, com permissão de no máximo 50% dos estudantes por vez.

A Folha procurou as dez unidades com mais alunos da rede estadual e da rede privada para saber como se dará o atendimento a partir da semana que vem.

Entre as particulares, 8 das 10 disseram que irão atender todos os dias 100% dos alunos que quiserem ir presencialmente, das quais três (Marista Arquidiocesano, Santa Cruz e Santa Maria) com um período de adaptação de até três semanas, em que haverá rodízio em parte das turmas.

As demais são Dante Alighieri, Móbile, Porto Seguro (unidade Morumbi),

Agostiniano Mendel e Unasp.

Uma (Mackenzie) irá atender 90%, e outra, o Etapa, disse que ainda não havia definido o esquema até a tarde de sexta-feira (30).

Já na rede estadual, 8 das 10 informaram que irão fazer um rodízio em que 50% dos alunos poderão frequentar a escola a cada vez. São elas a Professor Francisco de Paula Conceição Junior, Professor Aroldo de Azevedo, Professor Orestes Rosolia, Brigadeiro Gavião Peixoto, Charles de Gaulle, General Humberto de Souza Mello, Padre Tiago Alberione e João Solimeo.

A Reverendo Erodice Pontes de Queiroz ainda não havia decidido como seria o esquema e, na Professor Marcos Antonio Costa, não foi localizado um funcionário para informar.

Na rede municipal, instrução normativa da Secretaria da Educação prevê que os alunos "serão atendidos na forma presencial e em sistema de revezamento semanal, em no máximo duas

turmas". Nas creches municipais, o limite será de 60%.

Nas escolas da rede pública que adotarão o revezamento, os alunos deverão fazer atividades remotas nos dias em que não forem à sala de aula.

Já na rede particular, se o chamado ensino híbrido (mescla de remoto com presencial) chegou a ser apontado como o futuro, há unidades que decidiram abandoná-lo de vez.

É o caso do Santa Maria, em Interlagos (zona sul). Lá as famílias terão que optar ou por ensino 100% presencial ou 100% remoto. "Se o aluno não pode vir, é porque tem algum risco ou mora com alguém com alguma doença, por exemplo. Então ele não deveria vir nenhum dia", justifica a diretora Diane Clay Cundiff.

Ela compara a experiência presencial e a remota à diferença entre ver um filme no cinema ou no celular. "Você pode até entender a história, mas não é a mesma coisa", diz. "A aprendizagem acontece na coletividade."

Dados de avaliação do governo estadual corroboram a

deficiência do ensino remoto. Após um ano de atividades na maior parte a distância, alunos não só não avançaram como regrediram.

Para as famílias, e principalmente para as mães, a falta de um lugar para poder deixar os filhos também significa redução de renda e de oportunidades de trabalho.

"Desigualdades preexistentes alimentam desigualdades para a frente. Já existe uma diferença enorme de salários entre homens e mulheres. Quando um membro da família tem que abrir mão do trabalho para cuidar da criança, acaba sendo o que ganha menos", diz a economista Cecília Machado, professora da FGV e colunista da **Folha**.

Ela aponta ainda que a qualidade da educação e as habilidades socioemocionais desenvolvidas nas interações na escola são fundamentais para a melhora da produtividade e o crescimento de longo prazo.

Professor da UFABC (Universidade Federal do ABC), Fernando Cássio critica a falta de transparência da Secretaria da Educação sobre os investimentos feitos em cada escola e sobre as consequências do retorno diante da circulação da variante delta, mais transmissível.

Para ele, o governo precisa anunciar o quanto antes políticas públicas para evitar que o estudante da rede pública seja ainda mais prejudicado pelo revezamento.

Subsecretário de Articulação Regional da secretaria estadual, Patrick Tranjan afirma que a Secretaria da Educação pretende avaliar o retorno em agosto para em setembro tornar obrigatória a presença dos alunos, seja em rodízio ou não.

O esquema de revezamento, afirma, será mantido nas unidades em que seja necessário para respeitar a distância entre os estudantes até que a área de saúde diga que a pandemia está controlada.

Tranjan ressalta ainda o programa de recuperação da pasta, voltado para os mais vulneráveis, que devem também ser priorizados no atendimento

presencial. Diz também que estão sendo dadas as condições para que eles cumpram a carga remota, com a distribuição de chips de internet.

O subsecretário afirma ainda que há escolas na rede estadual que irão atender 100% dos alunos. A pasta ficou de informar à reportagem quais eram, mas não o fez até a conclusão desta edição.

Já a Secretaria Municipal de Educação afirma que as escolas que tiverem condições de manter o distanciamento de um metro poderão atender 100% dos alunos. Quando houver revezamento, o aluno terá que cumprir um roteiro de estudos em casa, inclusive com aulas síncronas, e haverá esquema de recuperação.

Indefinição na maior escola estadual atrapalha famílias

Na maior unidade da rede estadual na capital, a direção definiu que os alunos continuarão sendo atendidos em esquema de rodízio, com as turmas divididas em dois grupos.

Com mais de 2.300 matrículas, a escola Professor Francisco de Paula, na região do Capão Redondo, ao menos até quinta (29) não havia comunicado às famílias como será o atendimento a partir de segunda (2). A quatro dias do início do segundo semestre letivo na rede estadual, alunos brincavam nas ruas próximas à escola sem saber como seriam as aulas nos próximos dias.

Na quinta, a faxineira Ivaneide Gomes, 47, observava o filho João Vitor, 6, jogar bola com outras crianças. Ela conversava com outras mães sobre a incerteza do retorno à escola e de como será a rotina da família nas próximas semanas.

João Vitor está matriculado no CEU Cantos do Amanhecer, no mesmo bairro, que também não informou ainda como será a frequência dos alunos. O menino costuma ficar sob os cuidados da irmã mais velha, de 14 anos, que estuda



Limite de atendimento diário

10 MAIORES ESCOLAS PRIVADAS

- Colégio Dante Alighieri (Jardim Paulista) 100%
- Colégio Santa Cruz (Alto de Pinheiros) 100% com 3 semanas de transição
- Escola Móbile (Moema) 100%
- Colégio Visconde de Porto Seguro (Morumbi) 100%
- Colégio Agostiniano Mendel (Tatuapé) 100%
- Colégio Santa Maria (Interlagos) 100% com duas semanas de transição
- Colégio Etapa (Vila Mariana) a definir
- Colégio Marista Arquidiocesano (Vila Mariana) 100%, com semana de transição
- Colégio Mackenzie (Higienópolis) 90%
- Colégio Unasp (Capão Redondo) 90%

10 MAIORES ESCOLAS ESTADUAIS

- Escola Prof. Francisco de Paula Conceição Junior (Capão Redondo) 50%
- Escola Prof. Aroldo de Azevedo (Jardim Planalto) 50%
- Escola Reverendo Erodice Pontes de Queiroz (Jardim Casa Grande) indefinido
- Escola Prof. Orestes Rosolia (Conjunto Habitacional Padre Manoel da Nóbrega) 50%
- Escola Brigadeiro Gavião Peixoto (Perus) 50%
- Escola Charles de Gaulle (Jardim Ina) 50%
- Escola General Humberto de Souza Mello (Parada de Taipas) 50%
- Padre Tiago Alberione (Cidade Julia) 50%
- João Solimeo (Jardim Maristela) 50%
- Prof. Marcos Antonio Costa (Jardim Santo André) sem informação

na Francisco de Paula.

Se os dias do revezamento das duas escolas não coincidirem, Gomes não sabe com quem o caçula passará o dia enquanto ela estiver trabalhando. "Ele é muito pequeno e apronta demais pra ficar sozinho, mas vai ser o jeito. Não tenho dinheiro pra pagar alguém pra ficar com ele e não posso prejudicar minha menina."

Os dois filhos estão desde março sem frequentar a escola e tiveram dificuldade para acompanhar as atividades a distância, já que só há um celular na casa. Gomes queria que as aulas retornassem diariamente para retomar a rotina da família.

"Depois de mais de um ano sem escola, seria bom que a gente tivesse um tempo pra se organizar, mas não disseram nada. Não sei como vão ser as aulas. Não vejo a hora de poder retomar a rotina antiga, sabendo que as crianças vão ter aula todo dia", diz Gomes.

Luciana Cezário, 54, também quer que o filho Caio, 16, volte para as aulas já que está há mais de um ano sem acompanhar as atividades escolares. "Briguei para que ele continuasse estudando, mas depois desisti. Não acho que ele ia aprender muito pelo celular. Quero que volte pra escola."

No primeiro semestre letivo deste ano, a escola Professor Francisco de Paula voltou a receber os alunos, mas as turmas só podiam frequentar as aulas uma semana no mês, com 2h30 de atividades por dia. "Ninguém ia porque não dava tempo pra nada. Fui uma vez e depois desisti", conta Caio.

A incerteza também fez algumas famílias optarem por ainda não deixarem os filhos frequentar a escola. É o caso de Jéssica de Jesus, 30. Ela decidiu que Isabella, 11, e Eduardo, 7, vão continuar em casa nos próximos meses. "Eu e o Eduardo temos problemas respiratórios e somos do grupo de risco. Não posso arriscar uma contaminação", diz.

Ela conta ter conseguido manter uma rotina de estudos com as crianças, mas reconhece que eles aprenderam pouco durante a pandemia. Na 2ª série do ensino fundamental, Eduardo reconhece as letras do alfabeto e só consegue escrever o próprio nome.

“Acho que ele já deveria ter aprendido a ler e escrever mais palavras, mas não consegui ensinar mais que isso. Fico preocupada com a educação, mas não posso arriscar a saúde dele.”

Colaborou Flávia Faria



Luciana Cezário, 54, e o filho Caio, 16, que é aluno da Escola Estadual Professor Francisco de Paula, no Capão Redondo, e não sabe como será a volta ao ensino presencial Bruno Santos/Folhapress